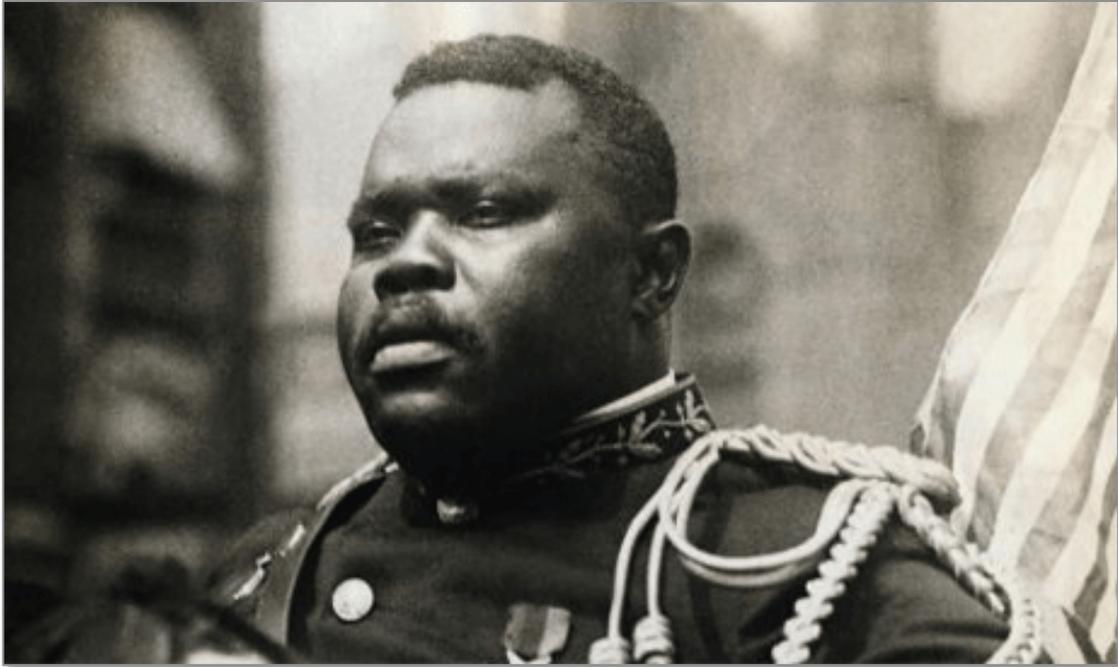


O Maior Inimigo do Negro¹

Marcus Garvey²



Marcus Garvey.

Eu nasci nas Índias Ocidentais Britânicas³ em 17 de agosto de 1887. Meus pais eram negros (*Negroes*) pretos. Meu pai era um homem de intelecto brilhante e arrojada coragem. Ele não tinha medo das consequências. Assumiu grandes riscos na vida, como apenas os bravos fazem, tendo falhado ao final de sua carreira. Ele teve uma vez fortuna e morreu pobre. Minha mãe era uma cristã sóbria e conscienciosa, boa e suave demais, para o tempo em que viveu. Era o completo oposto de meu pai. Ele era severo e firme, determinado, bravo e forte, recusando-se a render-se mesmo a forças superiores, se achasse que tinha razão. Minha mãe, por outro lado, estava sempre disposta a oferecer um sorriso em troca de um golpe, e sempre pronta a ser

¹ Publicado originalmente em “*Current History Magazine*”, setembro de 1923. Traduzido a partir de “*The Negro’s Greatest Enemy*”, in BLAISDELL, Bob. *Selected Writings and Speeches of Marcus Garvey*. Dover Publications Inc., Mineola, New York. 2004. Pp. 1-10. Dada a natureza do debate racial no Brasil, talvez seja necessário salientar que a tradução desse texto não significa a completa concordância do tradutor com as ideias aqui expressas, tão somente a convicção de que este, como tantos outros textos formadores do pensamento negro da Diáspora, devem estar disponíveis em português, acessíveis para estudantes e ativistas, como elemento de formação de uma mais densa e historicizada consciência crítica.

² Marcus Garvey nasceu em St. Ann’s Bay, na Jamaica, em 17 de agosto de 1887, em 1906 mudou-se para Kingston, em 1911 viajou para a Costa Rica e outros países da América Central. Em 1912 embarcou para a Inglaterra e viajou pela Europa Ocidental, em 1916 foi ao Estados Unidos, em 1919 tornou-se conhecido e famoso orador. Em 1920, a organização que criou, chamada *Universal Negro Improvement Association* (U.N.I.A.), organizou em Nova Iorque a Primeira Convenção Anual dos Povos Negros do Mundo. O centro de suas atividades nos Estados Unidos foi o Harlem, de onde publicava o jornal *The Negro World*. Morreu na Inglaterra em 10 de junho de 1940, com apenas 53 anos. Sua obra influenciou o *Black Panther Party* e nacionalistas negros nos Estados Unidos e em todo o mundo, inclusive em África. Jomo Kenyatta, líder da emancipação do Quênia e Kwame Nkrumah líder nacionalista de Ghana, por diversas vezes expressaram sua admiração pelos escritos de Garvey. O movimento Rastafari na Jamaica o tem como profeta e suas palavras ecoam na poética de Bob Marley e de outros artistas da música reggae.

³ Como era conhecido na época e o caribe sob a dominação colonial britânica, no caso específico, na atual Jamaica.

benevolente com seus inimigos. Dessa estranha combinação eu nasci há trinta e seis anos atrás, e fui lançado nesse mundo do pecado, carnal e demoníaco.

Eu cresci com outros garotos, uns negros, uns brancos. Nunca fui chicoteado, e sempre fui respeitado, porque me fiz respeitar pela força de meus braços. Obtive minha educação de muitas formas – através de tutores particulares, duas escolas públicas, dois colégios de segundo grau e duas faculdades (*colleges*). Meus professores e professoras foram homens e mulheres de variadas experiências e habilidades; quatro deles eram eminentes pregadores. Eu estudei com eles, e eles estudaram comigo. De alguns eu tornei-me amigo anos depois. De outros eu me afastei, porque quando garoto tentarem me açoitarem, e, naturalmente, recusei-me a ser açoitado. Eu não fui feito para ser açoitado. Aborreço-me a derrota, portanto para mim, ser derrotado é encontrar motivo para uma luta infundável, até alcançar êxito.

Eu me tornei um gráfico aprendiz muito jovem, enquanto ainda frequentava a escola. O meu mestre era um homem altamente instruído e alerta. E nas coisas do mundo e dos negócios ele não tinha igual. Ele me ensinou muitas coisas antes que eu tivesse doze anos. Aos quatorze eu tinha inteligência o bastante para lidar com os homens. Eu era forte e viril e fazia com que me respeitassem. Desenvolvi um caráter forte e poderoso que tenho mantido desde então.

Para mim, em minha casa, nos meus primeiros anos, não havia nenhuma diferença entre negros e brancos. Uma das propriedades de meu pai, o lugar onde vivemos a maior parte do tempo, era contígua a propriedade de um homem branco. Ele tinha três filhas e um filho. Todos nós brincávamos juntos. Nós aprontávamos. E éramos crianças felizes que brincavam juntas. A garotinha branca, de quem eu mais gostava, me conhecia melhor do que eu mesmo. Éramos dois bobos inocentes que nem sonhávamos com sentimentos ou problemas de raça. Quando criança, eu ia a escola com meninos e meninas brancos, como os outros negros (*Negroes*). Nos não éramos então chamados de negros (*Negroes*). Eu nunca havia escutado o termo negro (*Negro*) ser usado até aproximadamente meus quatorze anos.

Quando tinha quatorze anos minha colega branca e eu fomos separados. Seus pais pensaram que era a época de nos separar e marcar a linha de cor. Eles a mandaram com outra irmã para Edinburg, Escócia, e disseram a ela que ela nunca deveria escrever ou tentar entrar em contato comigo, porque eu era um “negro” (*Nigger*). Foi então que eu descobri pela primeira vez que havia alguma diferença na humanidade, e que havia diferentes raças, cada uma tendo a sua própria e distinta vida social. Eu não liguei para separação depois que me disseram isso, porque eu nunca pensei durante toda a nossa amizade de infância que a garota, ou as outras

crianças de sua raça, eram melhores do que eu era; na verdade, eles costumavam me admirar. Então eu simplesmente nunca tive nenhuma amargura.

Depois de minha primeira lição em distinções de raça, eu nunca mais pensei em brincar com garotas brancas, mesmo se elas fosse minhas vizinhas do lado. Em casa, a companhia de minhas irmãs era o suficiente para mim, e na escola eu fiz amizade com as garotas de cor (*colored*) próximas a mim. Garotos brancos e eu fazíamos travessura juntos. Jogávamos críquete e baseball, apostávamos corridas e andávamos de bicicleta juntos, pulávamos juntos no rio e íamos a praia para aprender a nadar e, como fazem os garotos, tentávamos afogar uns aos outros brincando, e então voltávamos correndo para a areia gritando “tubarão, tubarão, tubarão”. Em toda a nossa experiência, entretanto, apenas um garoto, negro, de fato se afogou. Ele desapareceu em uma sexta a tarde após a aula, e seus pais o encontraram meio comido pelos tubarões no domingo a tarde. Desde então nos nunca mais fomos a praia.

Na maturidade, os garotos brancos e negros se separaram, e tomaram diferentes cursos na vida. Eu cresci então para ver as diferenças que existem entre brancos e negros, mais e mais. Meus colegas de escola, como homens jovens, não me conheciam nem se lembravam mais de mim. Então eu entendi que deveria lutar por um lugar no mundo. Que não era fácil entrar para um escritório ou arrumar uma posição. Pessoalmente, contudo, eu não tive dificuldade em encontrar e garantir um lugar para mim, porque eu era agressivo. Aos dezoito anos eu tinha uma excelente posição como gerente de uma casa de impressão, tendo sob o meu controle diversos homens, velhos o bastante para serem meus avôs. Entretanto eu estava abalado pela vida pública. E comecei a ter interesse pela política do meu país. Vi, então, a injustiça feita à minha raça por que éramos negros. E tornei-me insatisfeito por conta disso. Fui viajar para a América Central e do Sul, e para parte das Índias Ocidentais, para descobrir se era assim também em outros lugares. E eu encontrei a mesma situação. Zarpei para a Europa, para ver se era diferente por lá, e de novo eu encontrei a mesma pedra no meio do caminho – “*Você é negro (black)*”. Eu li sobre as condições nos Estados Unidos. Eu li “*Up from Slavery*”⁴ de Booker T. Washington; e então o meu destino – se eu posso dizer assim - de tornar-me um líder negro amanheceu para mim em Londres, após haver viajado por quase metade de toda a Europa. Eu perguntava, “*Onde está o governo do homem negro (black)?*”, “*onde está o rei e o seu reinado?*”, “*Onde está seu presidente, o seu país, seus*

⁴ Traduzido para o português por Graciliano Ramos como “*Memórias de um Negro*” (1940). Booker T. Washington foi o mais importante líder afro-americano do período da transição entre o trabalho escravo e a segregação legal (*Jim Crow*). Nascido escravo na Virgínia em 1856, tornou-se educador, orador e conselheiro do presidente republicano Theodore Roosevelt. Foi o fundador do Instituto Tuskegee no Alabama e atraiu a crítica de ativistas e intelectuais negros do norte, por sua postura conciliatória e avessa à confrontação racial. Um de seus principais críticos foi W. E. B. DuBois, também inimigo de Marcus Garvey, sobre quem disse: “*este é o negro mais perigoso da América*”.

embaixadores, seu exército, seus grandes homens de negócios?”. Eu não pude encontra-los, sendo assim declarei, “*ajudarei a constitui-los*”.⁵

Tornando-me naturalmente inquieto pela oportunidade de fazer algo para o avanço de minha raça, eu estava determinado a que o homem negro não deveria continuar a ser chutado pelas outras raças e nações do mundo, como eu vira nas Índias Ocidentais, na América do Sul, Central e na Europa, assim como havia lido sobre os Estados Unidos. Minha mente, jovem e ambiciosa guiou-me a voos de grande imaginação. Eu via diante de mim, tal como eu vejo agora, um novo mundo de homens negros, não peões, servos, cães ou escravos, mas uma nação de homens robustos, deixando a sua marca sobre a civilização e gerando uma nova aurora para toda a humanidade⁶. Eu não poderia mais ficar em Londres. Minha mente estava em chamas. Havia todo um mundo de pensamento para conquistar. Eu deveria partir logo, antes que fosse tarde e o trabalho não fosse realizado. Embarquei imediatamente de Southampton para a Jamaica, onde eu cheguei em 15 de julho de 1914. A Liga (Imperial) das Comunidades Africanas e Associação Universal para Progresso do Negro foi fundada e organizada cinco dias após a minha chegada, com o programa para unir todos os povos negros do mundo em um só grande corpo, para estabelecer um país e um governo absolutamente seus.

De onde veio o nome da organização? Enquanto conversava com um negro (*Negro*) das Índias Ocidentais, que era passageiro como eu, no barco de Southampton, que estava voltando para casa vindo da Basutolândia⁷ com a sua esposa Basuto, passei a saber sobre os horrores da vida dos nativos na África. Ele me contou durante a conversa histórias tão horríveis e lamentáveis que o meu coração sangrou com o dele. Abandonando a conversação em direção a minha cabine, pensei durante todo o dia e toda a noite seguintes sobre o assunto, e a meia-noite, deitado de costas na cama, a visão e compreensão vieram até mim, de que eu deveria nomear a organização A Liga (Imperial) das Comunidades Africanas e Associação Universal para o Progresso do Negro. Tal nome deveria, eu pensava, abarcar o propósito de toda a humanidade negra. Assim, um nome nasceu para o mundo, um movimento foi criado e um homem ficou conhecido.

Eu realmente não sabia que havia tanto preconceito racial na Jamaica, minha terra natal, até eu começar o trabalho da Associação Universal para Melhoria do Negro. Nós começamos imediatamente após a guerra. Eu tinha acabado de voltar de uma

⁵ Aqui Garvey apresenta com habilidade retórica sua epifania, e define as bases para o nacionalismo negro que foi tão importante para todo o pensamento e política da diáspora, a exemplo das lutas anticoloniais na África e da política contemporânea da Nação do Islã nos Estados Unidos, onde militou, por exemplo, Malcom X.

⁶ Podemos ver como o nacionalismo negro em Garvey, e na maioria de seus seguidores, apresenta forte inflexão patriarcal.

⁷ O então território colonial britânico da Basutolândia é atualmente o Reino do Lesoto, um enclave de 30.000 km² circundado pela África do Sul.

viagem exitosa pela Europa, o que era um feito excepcional para um homem negro (*black*). Os jornais diários escreviam sobre mim em grandes manchetes e falavam de meu movimento. Mas ninguém queria ser um negro (*black*). “*Garvey está maluco. Ele perdeu a cabeça*”. “*Esse é o uso que ele dá a sua experiência e inteligência?*”. – essas eram críticas que lançavam sobre mim. Homens e mulheres, pretos (*black*) como eu, e mesmo ainda mais, acreditavam que eram brancos sob a ordem social das Índias Ocidentais. Eu era simplesmente um sujeito “impossível” por usar abertamente o termo “negro” (*Negro*); entretanto, todo sabem muito bem que o homem preto (*black*) é um negro (*Negro*).

Eu tinha que decidir se eu iria agradar meus amigos, ser um dos “negros-brancos” (*black-whites*) da Jamaica, e ser razoavelmente prospero; ou assumir-me abertamente e defender e ajudar a elevar e proteger a integridade de milhões de negros e sofrer. E decidi pela segunda opção e portanto ofendi a sociedade “mestiça-negro-branca” (*colored-black-white*) nas colônias e na América. Eu fui abertamente odiado e perseguido por alguns daqueles homens de cor (*colored*) da ilha que não queriam ser classificados como negros, mas como brancos. Lançaram contra mim todo o veneno de seu ódio. Se opunham a cada passo que eu dava, mas eu tinha um grande número de amigos brancos, que me encorajavam e me ajudavam. Notáveis dentre estes eram o Governador da Colônia, o Secretario Colonial, e diversos outros homens proeminentes. Eles tinham, porém, medo de ofender a pequena nobreza de cor (*colored gentry*) que se passava por branca. Portanto eu teria que fazer a minha luta sozinho. Gastei centenas de libras esterlinas para dar a organização um fundamento. Também doeie meu tempo a divulgação de seus ideais. Eu me tornei um homem marcado⁸, mas eu estava determinado a fazer o que tinha de ser feito.



Booker T. Washigton.

⁸ Cinquenta anos depois, Huey P. Newton, co-fundador dos Panteras Negras diria: “*The first lesson a revolutionary must learn is that he is a doomed man*”.

A guerra deu grande ajuda para o despertar da consciência das pessoas de cor, e para a credibilidade de nosso programa, especialmente após o exercito britânico ter rejeitado um grande numero de homens de cor (*colored men*) das Índias Ocidentais que pretendiam ser oficiais no exército britânico. Quando disseram a eles que negros (*Negroes*) não poderiam ser oficiais, começaram a sua própria propaganda, que suplementava a propaganda da Associação Universal para Progresso do Negro. Com estas e outras contribuições, alguns cabeças-duras (*stiff-necked*)⁹ de cor (*colored*) começaram a ver a razoabilidade de meu programa, mas ainda estavam firmes em recusarem ser conhecidos como negros (*Negroes*). Além disso, eu era um homem negro (*black*) e portanto não tinha absolutamente o direito de liderar; na opinião dos elementos “de cor” (*colored*), a liderança deveria estar nas mãos de homens quase-brancos (*yellow*) ou mulatos claros (*light man*). Com esses preconceitos covardes nossa raça estava sendo retardada. Existe mais ressentimento entre nós negros (*Negroes*) por causa das castas de cor (*caste of color*), do que existe entre outros povos, sem excluir os povos da Índia.

Eu tive grande sucesso em estabelecer a associação na Jamaica com a ajuda do Bispo Católico; do Governador, Sir John Pringle; do Reverendo William Graham, um clérigo escocês; e de diversos outros amigos brancos. Eu estive em contato com Booker T. Washington e disse a ele o que eu pretendia fazer. Ele convidou-me para a América e prometeu falar ao meu lado, no Sul e em outros estados, para ajudar o meu trabalho. Embora ele tenha morrido no inverno de 1915, eu tomei minhas providências e cheguei nos Estados Unidos em 23 de março de 1916

Aqui eu encontrei um problema novo e diferente. Eu imediatamente visitei os assim chamados líderes negros, apenas para descobrir, apos um estudo aprofundado de cada um deles, que eles não tinham nenhum programa, e que eram meros oportunistas que estavam sobrevivendo de sua pretendida liderança, enquanto as pessoas pobres estavam tateando no escuro. Eu viajei por 38 estados e em toda parte encontrei as mesmas condições. Eu visitei Tuskegee, e prestei minhas homenagens ao grande herói morto, Booker Washington, e então retornei a Nova Iorque, onde organizei a divisão de Nova Iorque da Associação para Progresso Universal do Negro. Após instruir as pessoas sobre os objetivos e propósitos da associação, eu pretendia retornar a Jamaica, para aperfeiçoar a associação jamaicana. Mas quando eu registrei quase 800 ou 1.000 membros no distrito do Harlem e nomeei os funcionários, alguns políticos negros começaram a tentar transformar o movimento em um clube político.

⁹ Não há como não associar esse trecho a canção de Bob Marley “Stiff Necked Fools”, que diz: “*Stiff-necked fools, /you think you are cool / To deny me for simplicity. /Yes, you have gone for so long /With your love for vanity now. /Yes, you have got the wrong interpretation /Mixed up with vain imagination*”. (Confrontation, 1983).

Vendo que esses políticos estavam quase a destruir meus ideais, eu tive que lutar para mantê-los fora da organização. E foi assim que eu fiz meus primeiros inimigos políticos no Harlem. Eles lutaram contra mim até que esmagaram a primeira organização e reduziram seus membros a aproximadamente cinquenta. Eu comecei de novo e em dois meses construí uma nova organização com quase 1.500 membros. Novamente os políticos vieram e nos dividiram em duas facções. Eles levaram embora todos os livros da organização, seu dinheiro e pertences. Até esse momento eu era apenas o organizador, porque não era minha intenção, até então, permanecer na América, mas retornar a Jamaica. A organização tinha os seus próprios administradores eleitos, e eu não era um diretor de divisão de Nova Iorque, mas o Presidente do ramo jamaicano.

Quando da segunda divisão no Harlem, treze membros vieram até mim e me pediram que eu me tornasse por algum tempo Presidente da organização em Nova Iorque, para salva-los dos políticos. Eu aceitei e fui eleito Presidente. Surgiram então duas facções, uma liderada pelos políticos, com os livros e o dinheiro, e outra liderada por mim. A minha facção não tinha nenhum dinheiro. Eu coloquei a sua disposição todo o dinheiro que eu tinha, abri um escritório para ela, aluguei um local de reunião, empreguei duas mulheres como secretarias, e fui para as ruas do Harlem à noite para falar sobre o movimento. Em três meses mais de 2.000 membros associaram-se. Por essa época eu havia registrado a associação para evitar que eles usassem o nosso nome. Todavia, em duas semanas os políticos roubaram todo o dinheiro das pessoas e destruíram a sua própria facção.



O Harlem nos anos 1920.

A organização sob a minha presidência cresceu aos trancos e barrancos. Eu comecei a publicar *The Negro World*. Sendo um jornalista, eu editei esse jornal sem custos

para a associação, e trabalhei para ela sem pagamento até novembro de 1920. Eu viajei através de todo o país para a associação por minha própria conta, e estabeleci, até 1919, trinta diferentes ramos da associação em diferentes cidades. Por causa de meus escritos e discursos fomos capazes de construir um grande organização de mais de 2.000.000 de membros em meados de junho de 1919, nesse momento lançamos o programa da *Black Star Line*.¹⁰

Ter construído uma nova organização, que não era puramente política, entre os negros (*Negroes*) da América foi uma realização maravilhosa. Por que os políticos negros (*Negro*) não permitiam que nenhuma outra organização, que não as suas, prosperassem. Nos conseguimos, contudo, fazer a Associação Universal para o Progresso do Negro tão formidável em 1919, que acabamos tendo mais problemas com nossos irmãos políticos. Eles buscaram influenciar o gabinete do procurador distrital do Condado de Nova Iorque para nos colocar fora do páreo. Edwin P. Kilroe, naquele momento um procurador assistente, a partir da denúncia dos políticos negros, começou a investigar a associação. O Sr. Kilroe, passou a convocar-me constante e continuamente para ir ao seu escritório, para investigação de assuntos estranhos, sem nunca chegar diretamente ao ponto. O resultado foi que depois da oitava ou nona vez eu escrevi um artigo em nosso jornal, *The Negro World*, contra ele. Este artigo foi interpretado como um libelo criminoso, pelo qual eu fui acusado e preso, apesar de subsequentemente dispensado em virtude da retratação que escrevi.

Durante minhas muitas entrevistas com o Sr. Kilroe, a questão da *Black Star Line* foi discutida. Ele não queria que tivéssemos uma companhia de navegação. Dissemos a ele que enquanto existisse uma *White Star Line*, nos teríamos, independente de seus desejos, uma *Black Star Line*. Em 27 de junho de 1919 nos adquirimos a *Black Star Line* de Delaware, e em setembro obtivemos um navio.

No mês seguinte (outubro) um homem chamado Tyler veio até o meu escritório no números 56, West, na rua 135, cidade de Nova Iorque, e me disse que o senhor Kilroe o havia enviado para me pegar, e então disparou quatro tiros contra mim de um revólver calibre 38. Ele feriu-me na perna direita, e no lado direito de minha cabeça. Eu fui levado para o hospital do Harlem e ele foi preso. No dia seguinte foi divulgado que ele cometeu suicídio na cela, pouco antes de ser levado para diante do Tribunal da Cidade.

O primeiro ano de nossas atividades na *Black Star Line* agregou prestígio a Associação Universal para o Progresso do Negro. Diversas centenas de milhares do

¹⁰ A companhia de navegação lançada por Garvey pretendia facilitar a repatriação de todos os negros do mundo para a África.

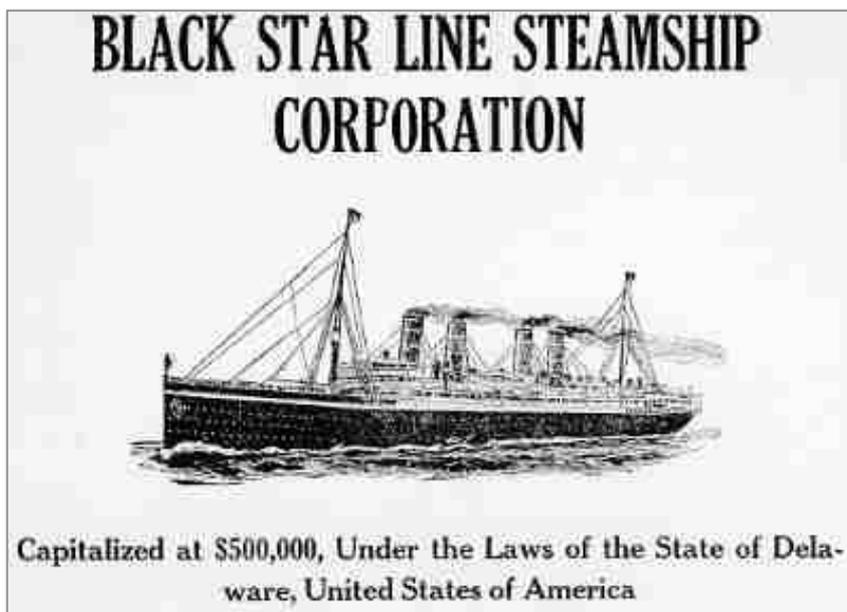
dólares de ações foram vendidos. Nosso primeiro navio, o vapor Yarmouth, fez duas viagens para as Índias Ocidentais e para a América Central. A imprensa branca repercutiu a notícia por todo o mundo. Eu, um jovem negro (Negro), como presidente de uma corporação, tornei-me famoso. Meu nome era discutido em cinco continentes. A Associação Universal para Progresso do Negro, ganhou milhões de seguidores no mundo inteiro. Por volta de agosto de 1920, 4.000.000 haviam aderido ao movimento. A convenção de todos os povos negros (Negro) do mundo foi convocada para esse mês em Nova Iorque. Delegados chegaram de toda parte do mundo conhecido. Mais de 25.000 pessoas lotaram o Madison Square Garden em 1^o. de agosto para me ver falar na primeira Convenção Internacional de Negros (*Negroes*)¹¹. A reunião bateu todos os recordes, e foi a maior de sua natureza. O nome de Garvey tornou-se conhecido como um líder de sua raça.

Tal fama dentre os negros (*Negroes*) foi demais para os políticos e outros líderes da raça tolerarem. Minha queda foi planejada pelos meus inimigos. Eles armaram todo tipo de armadilha para mim. Espalharam seus espiões entre os empregados da *Black Star Line* e da Associação Universal para Progresso do Negro. Nossos registros do escritório eram roubados. Empregados passaram a ser abertamente desonestos. Não conseguíamos obter nenhuma condenação contra eles, mesmo quando os denunciávamos a um juiz eles acabavam absolvidos pelo grande júri. Os oficiais marítimos passaram a sacar adiantamentos de milhares de dólares contra a companhia sem o conhecimento dos administradores da corporação. Nossos navios eram avariados no mar, e havia ruína e destruição, e motim generalizado. Oficiais da Associação Universal para o Progresso do Negro também começaram a roubar e a serem abertamente desonestos. Eu tive que demiti-los. Eles juntaram-se aos meus inimigos, e então tive que lutar uma luta sem fim, com minhas próprias mãos, para salvar os ideais da associação e levar adiante o programa para a raça. Meus inimigos negros (*Negroes*) compreendendo que sozinhos não conseguiriam derrotar-me começaram a me difamar sistematicamente diante dos líderes da raça branca, diversos dos quais, sem a correta investigação, também opuseram-se a mim.

Como assaltos vindos de dentro e de fora, a *Black Star Line* foi forçada a suspender as atividades em dezembro de 1921. Enquanto eu estava em uma viagem de negócios nas Índias Ocidentais na primavera de 1921, a *Black Star Line* recebeu o golpe da qual nunca pode se recuperar. Uma soma de 25.000 foi paga por um dos oficiais da corporação para um homem comprar um navio, mas o navio nunca foi entregue e o dinheiro não foi devolvido. A companhia foi fraudada posteriormente

¹¹ Garvey, entretanto omite, ou não estava informado, sobre a realização de dois encontros pan-africanos anteriores. A "Primeira Conferência Pan-Africana" ocorrida em Londres em julho de 1900 e o "Primeiro Congresso Pan-Africano", em Paris, em fevereiro de 1919. Documentação importante relativa a esses congressos foi recentemente reunida e publicada no excelente volume "Le mouvement panafricaniste au vingtième siècle", que reúne, além deste material, extensiva compilação de documentos e textos fundamentais do pan-africanismo ao longo de todo o século XX. O material está disponível em: <http://www.codesria.org/spip.php?article1800> .

em 11.000 dólares. Através dessas ações da parte de homens desonestos a *Black Star Line* sofreu o seu primeiro revés. O que resultou no meu indiciamento, como tendo usado o correio dos Estados Unidos para fraudar os investidores da companhia. Subsequentemente fui condenado e sentenciado a cinco anos de prisão em uma penitenciária federal. Meu julgamento foi histórico. Sabia que não me dariam um julgamento justo, porque meu indiciamento foi o resultado de uma armação de meus inimigos políticos e empresariais. Eu mesmo tinha que me defender na corte, por causa da posição peculiar em que me encontrava. Eu tinha um milhão de amigos e um grande número de inimigos. Eu queria um procurador de cor (*colored*) para lidar com meu caso, mas não havia nenhum em quem eu pudesse confiar. Eu sabia que me tinha sido negada a justiça em função do preconceito. Contudo eu tenho fé abundante na justiça da América, e espero ainda obter justiça na minha apelação.



Folheto de Divulgação da Black Star Line.

A ruína temporária da Black Star Line não afetou de maneira nenhuma o trabalho mais amplo da Associação Universal para o Progresso do Negro, que possui agora 900 ramos e aproximadamente 6.000.000 de membros. Esta organização teve sucesso em organizar negros (*Negroes*) em todo o mundo e aguardamos agora um renascimento que irá criar um novo povo e que trará a restauração da antiga glória da Etiópia.

Sendo preto (*Black*) eu cometi uma grave ofensa contra os negros (*Negroes*) de pele clara (*light-colored*) da América e das Índias Ocidentais, por fazer de mim mesmo um líder negro (Negro) de milhões. Na sua perspectiva, nenhum homem negro (*black*) deve estar acima deles, mas eu seguia determinado em oferecer ao mundo a verdade sobre o novo negro (*Negro*) que está determinado a construir e a manter por si mesmo um lugar nos assuntos dos homens. A Associação Universal para

Progresso do Negro tem sido difamada por seus inimigos. Eles tentaram fazer com que ela aparecesse como hostil as outras raças. Isso é absolutamente falso. Nós amamos a humanidade. Estamos trabalhando pela paz no mundo, o que acreditamos somente virá quando todas as raças tiverem a sua cota.

Sentimos que não deveria haver absolutamente nenhuma razão para haver qualquer diferença entre a raça negra e a raça branca, se cada uma delas tivesse condições de aprumar-se e estabelecer-se. Acreditamos na pureza das duas raças. Nós não acreditamos que o homem negro deverá ser encorajado na ideia de que seu maior propósito é casar-se com uma mulher branca. Mas nos acreditamos sim, que o homem branco deve ser ensinado a respeitar a mulher negra, da mesma maneira que ele espera que o homem negro respeite a mulher branca. É uma doutrina perversa e perigosa de igualdade social a que surge, como dizem determinados líderes de cor (*colored*), que negros e brancos deveriam estar juntos, porque isso destruiria a pureza de ambas as raças.

Nós acreditamos que o povo negro deveria ter um país para si mesmo, onde lhe seriam dadas todas as oportunidades para completo desenvolvimento econômico, político, social e industrial. O homem negro não deve ser encorajado, nas nações brancas, a esperar ser presidente, governador, senador, prefeito, deputado, juiz ou líder social e industrial. Nós acreditamos que com a crescente ambição do negro, se um país não for providenciado para ele em 50 ou 100 anos, haverá um confronto terrível, que será desastroso para ele e a desgraça para nossa civilização. Desejamos prevenir esse confronto, conferindo ao negro um país todo seu. Sentimos que todo homem branco de mente aberta e boa disposição, colaborará nessa direção. É por causa dessa crença, sem dúvida, que meus inimigos perversamente afirmam que sou um membro da Ku Klux Klan, mesmo sendo um homem negro (*black man*).

Eu tenho sido privado da oportunidade de explicar apropriadamente meu trabalho para o povo branco da América porque o preconceito trabalhou contra mim por meio dos perversos e invejosos membros de minha própria raça. Meu sucesso como mobilizador foi muito mais do que meus rivais líderes negros poderia tolerar. Eles, sem pensar nas consequências, seja para mim ou para a raça, tinham que me destruir por meios justos ou abomináveis. As milhares de cartas anônimas e hostis escritas para editores e articulistas da imprensa branca por negros (*Negroes*) rivais para nos prejudicar aos olhos da opinião pública, são evidência suficiente da oposição maligna e perversa que eu tive que enfrentar vinda de meu próprio povo, especialmente daqueles de pele muito clara (*light-colored*). Eles foram ainda mais longe do que a imprensa, para me descreditar. Eles organizaram clubes por todos os Estados Unidos e Índias Ocidentais, e escreveram cartas, tanto abertas quanto anônimas, para as autoridades municipais, estaduais e federais dos seus e de outros governos, para induzi-los a usar a sua influência para me atrapalhar e destruir. Nada a estranhar, portanto, que diversos juízes promotores públicos e outras altas autoridades estivessem contra mim, sem mesmo conhecer-me. Nada a estranhar, que a grande população branca deste país, e do mundo, tenha uma impressão errada de meus propósitos e dos objetivos da Associação Universal para Progresso do Homem Negro, e da obra de Marcus Garvey.

Tendo sido erradamente formado desde o começo de sua carreira racial, o negro (*negro*) se tornou o seu próprio maior inimigo. A maioria dos problemas que enfrentei, pela causa da raça, veio dos negros (*Negroes*). Booker Washington descreve apropriadamente a raça em uma de suas palestras, ao dizer que éramos como caranguejos em um barril (*crabs in a barrel*), nenhum ajudava ao outro a escapar para fora, a cada tentativa, todos continuavam a empurrar para dentro do barril o único caranguejo que seria capaz de fazer o esforço suficiente para escapar. Todavia, aqueles de nós com visão, não devem desistir da raça, abandonando-a para sofrer e morrer.

Olhando adiante um século ou dois, podemos ver uma luta mortal na economia e na política pela sobrevivência dos diferentes grupos raciais. Muitos dos nossos atuais centros nacionais terão se tornado superpopulosos com vasta quantidade de população excedente. A luta por pão e posição será aguda e severa. O grupo mais fraco, e pior preparado, será obrigado a decair. É por isso que visionários, como nós somos na Associação Universal para Progresso do Homem Negro, estamos lutando para fundar uma nação negra na África, assim não haverá nenhum choque entre brancos e negros, e cada raça terá sua existência separada, e uma civilização toda sua, sem alimentar a suspeita ou ódio, nem olhará a outra com inveja e rivalidade, no interior das fronteiras do mesmo país.

Os homens brancos que lutaram para construir seus países e sua própria civilização, não estão dispostos a entrega-los para o negro (*Negro*), ou qualquer outra raça, sem restrições. Não é razoável esperar isso. Portanto, qualquer suposição da parte do negro (*Negro*) é vã em imaginar que um dia tornar-se-a presidente da nação, governador do estado ou prefeito da cidade no país do Homem Branco, é como esperar que o Diabo e seus anjos levem sua moradia para o Reino do Altíssimo, e passem a dirigir os seus negócios diretamente do Céu.

Tradução: Osmundo Pinho

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira)/University of Texas (Austin).